

O IDOSO NO MICROSSISTEMA FAMILIAR: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

Ivalina Porto*

RESUMO

Neste texto, descreve-se o modo como se processam as interações no microssistema intrafamiliar de idosos participantes de um Grupo de Convivência na cidade do Rio Grande /RS. A pesquisa teve um delineamento misto, sendo de cunho qualitativo, descritivo e interpretativo. O modelo teórico metodológico utilizado foi o Bioecológico (TBDH) de Bronfenbrenner (1979/1996). Participaram da pesquisa dezoito familiares de idosos integrantes do grupo, sendo selecionados por conveniência. Utilizou-se como instrumento para levantamento dos dados um questionário semiestruturado. A inserção ecológica foi um dos procedimentos metodológicos. Os resultados permitiram afirmar que os idosos são bem aceitos no lar, favorecendo a manutenção do autoconceito e da autoestima elevada, mas, por desconhecimento, ainda não se percebem mudanças significativas que objetivem o aproveitamento ou o resgate de todo potencial e experiência dessas pessoas. Os familiares expressaram a necessidade de maiores informações sobre as características biopsicossociais da pessoa na terceira idade, para o estabelecimento de interações mais positivas.

Palavras-Chave: idosos, família, interações.

ABSTRACT

The elderly in the family microsystem: an analysis of intergenerational relations

This text describes how interactions with elderly people who take part in a Group for the Elderly in Rio Grande, RS, Brazil, happen in their intrafamily microsystem. This research had a qualitative, descriptive, and interpretative approach. Bronfenbrenner's Bioecological (BTHD) (1979/1996) methodological model was applied. Eighteen relatives of elderly people who took part in that group were selected by convenience. A semi structured questionnaire was the tool for data

* Professora Associada - PPGEA/FURG. Doutora em Psicologia pela USP com estudos em nível de Pós-doutorado no Instituto de Psicologia da UFRGS. Especialista em Gerontologia pela SBGG. Coordenadora do Núcleo Universitário da Terceira Idade – NUTI/FURG. As acadêmicas de Pedagogia, Sílvia Barreto Soares e Thais Nunes Silva participaram como bolsistas na coleta e tratamento dos dados da pesquisa.; E-mail: ivalina@terra.com.br

collection. Ecological insertion was one of the methodological procedures. Results led us to state that these elderly people are welcome in their households, a fact that favors high self esteem and self concept. However, due to lack of knowledge, no meaningful changes that aim at using or rescuing these people's full potential can be perceived so far. Relatives expressed the need to have further information about the elderly person's biopsychosocial characteristics so that more positive interactions can be established.

Keywords: Elderly People; Family; Interaction.

1 – Introdução

À medida que as pessoas avançam em idade, vão se afastando do mundo do trabalho, diminuindo suas interações sociais. A família então se reveste de maior importância, pois é nela que o idoso procura um abrigo seguro para viver seus últimos anos de vida. O carinho e o respeito da família contribuem decisivamente para um final de vida feliz. A vivência plena do envelhecimento é um processo de construção pessoal altamente influenciado pela convivência familiar e comunitária, em que o respeito, a consideração e a comunicação são fatores fundamentais para o alargamento, elevação e otimização das participações individuais e sociais.

Apesar dos constantes esforços feitos no sentido de favorecer uma maior valorização do idoso na família e na comunidade não se percebem mudanças significativas no processo educativo familiar voltado para o atendimento de adultos e idosos. Ações isoladas, desvinculadas do real, levam a discursos vazios e interesseiros sem um real aproveitamento do potencial e experiência dessas pessoas.

A família tem uma importância fundamental para a pessoa na terceira idade (Zimerman, 2000). É o núcleo por excelência onde o idoso busca apoio para sua vivência afetiva. Quanto mais saudáveis forem as relações familiares, mais feliz e ajustado será o idoso (Bronfenbrenner, 1979/1996).

Os idosos têm manifestado sentimentos de tristeza decorrentes da forma como são tratados pela família. Reivindicam mais carinho, amor e atenção. Resultados de pesquisas desenvolvidas no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Envelhecimento Humano – GEPEN/CNPq –, que tem por líder a autora deste trabalho, remetem para a importância de repensar as ações dos familiares em relação aos seus idosos, já que vêm sendo percebidos sentimentos de menos valor, tristeza e desaponto pela forma como alguns são tratados. Por outro lado, os dados coletados, analisados

e discutidos têm despertado nos estudiosos a necessidade de intensificar atividades de ensino, pesquisa e extensão com vistas à melhoria do relacionamento intrafamiliar com consequente aumento da autoimagem e autoestima dos idosos.

2 – Modelo Teórico-Metodológico: Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) de Bronfenbrenner

O modelo teórico de referência para a presente pesquisa, que analisou a interação do idoso no microsistema familiar de acordo com a percepção dos familiares, foi a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) (Bronfenbrenner, 2004; Bronfenbrenner, & Morris, 1998). Tal modelo propõe que o desenvolvimento humano bioecológico deve ser estudado através da interação de quatro núcleos inter-relacionados: o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo (Koller, 2004).

O Processo é o construto fundamental com ênfase nos processos proximais, formas particulares de interação do organismo com o ambiente, que operam ao longo do tempo.

A Pessoa envolve características geneticamente determinadas e as construídas na interação com o ambiente. O entendimento do ser humano em interação com o ambiente familiar e comunitário é analisado com bastante clareza na abordagem de Bronfenbrenner (1979/1996).

O terceiro componente do modelo é o Contexto. Bronfenbrenner (1979/1996), ao dissertar sobre o ambiente ecológico em que o ser humano está inserido e vivendo em constante interação, apresenta-o composto de vários níveis estruturais entrelaçados, denominados por ele de microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema.

O microsistema é o local onde os indivíduos podem estabelecer interações face a face. Caracteriza-se pelo contexto imediato no qual as pessoas exercem papéis e ocupam posições. São exemplos de microsistema: o lar, a escola, o trabalho. O mesossistema é um sistema de microsistemas, um conjunto de inter-relações de contextos de que o indivíduo participa ativamente. O exossistema constitui-se de contextos que podem afetar o indivíduo sem sua participação direta. É uma extensão do mesossistema de que a pessoa em desenvolvimento não participa diretamente, mas é influenciada pelo que aí se passa. O macrosistema refere-se a protótipos gerais existentes na cultura ou nas subculturas, que afetam o complexo de estruturas e atividades ocorrentes nos níveis de participação mais próximos e concretos.

O tempo é o quarto componente do modelo bioecológico. É analisado em três níveis: microtempo, mesotempo e macrotempo.

Koller (2004) aponta que o microtempo refere-se à continuidade e à descontinuidade observadas dentro de pequenos episódios dos processos proximais. O mesotempo diz respeito à periodicidade dos episódios de processo proximal, através de intervalos maiores de tempo como dias e semanas. Já o macrotempo abarca as expectativas e os eventos em mudança, dentro da sociedade, através das gerações.

Uma investigação é vista como ecologicamente válida se levada a cabo num contexto natural, envolvendo objetos e atividades do dia a dia. É preciso que haja inserção dos problemas de pesquisa na vida, na história e no contexto das pessoas, para que a validade ecológica possa expressar-se (Ceconello & Koller, 2004).

Os estudos psicológicos interessados em analisar crenças, atitudes, valores e outros processos psíquicos precisam levar em consideração o ambiente em torno das pessoas, lidando com a ação e a reação dos seres humanos no contexto, a fim de que seja alcançada a validade ecológica (Porto & Koller, 2006).

3 – Considerações sobre o adulto velho

A caracterização do adulto velho através de reflexões sobre a velhice em seus aspectos biológicos, psicológicos e sociais faz-se imprescindível para que se adquira um conhecimento mais profundo do sujeito idoso, motivo deste estudo.

Cresce o número de idosos no País e começa a se delinear, nos órgãos governamentais, em instituições médicas, assistenciais e demais setores sociais, uma preocupação a respeito de como atender uma população que até então não era alvo de maiores considerações. À medida que envelhece, o idoso vai perdendo seu espaço em todos os campos de atuação. Resta-lhe a participação em algumas atividades de lazer como forma de preencher o vazio que se avoluma.

A velhice, em nível macrossistêmico, configura-se como sinônimo de alienação, marginalização, esquecimento, negação de participação no patrimônio social e cultural do povo. É difícil avaliar o sentimento que invade o idoso ao se perceber como ser humano desconsiderado e desvalorizado por uma sociedade que ajudou a construir. A velhice, diz Beauvoir (1990), é um fenômeno biológico que acarreta também consequências psicológicas, já que o organismo do homem apresenta

certas singularidades e condutas próprias de uma idade avançada. Acrescenta também que o homem, em sua velhice, como em qualquer outra idade, tem sua condição vital imposta pela sociedade a que pertence. Assim, só é possível entender a vida psíquica de uma pessoa analisando o processo de interação que estabelece com o ambiente e constatando a repercussão que este acarreta em seu organismo. A influência ambiental também contribui para que as modificações biológicas ocorram com maior ou menor intensidade. Néri (2001, p. 34) afirma que *“os padrões de envelhecimento e as qualidades da experiência de envelhecimento e de velhice de indivíduos e grupos etários dependem da interação de múltiplos fatores de natureza biológica, psicológica e social, entre os quais figuram os próprios conceitos de tempo, idade e envelhecimento vigentes na sociedade, espelhados nos conceitos científicos nela correntes”*. O aspecto psicológico refere-se às mudanças sensoriais e perceptuais. Surgem sentimentos de solidão, depressão, inutilidade, falta de sentido para a vida e ansiedade em consequência de uma atitude negativa frente à fase da vida pela qual está passando. Quanto ao aspecto social, é preciso lembrar que a degenerescência de um homem produz-se sempre no seio de uma sociedade. A maneira como se processa depende da natureza dessa sociedade e do lugar que nela o indivíduo ocupa. Para qualquer modificação no desenvolvimento humano, contribuem fatores econômicos, culturais e interpessoais. O aspecto social envolve também a forma como o idoso se relaciona no seio de sua família.

A família continua tendo uma influência significativa para o bem-estar físico e espiritual de seus membros de idade mais avançada. A forma como se estabelece tal relacionamento varia de uma cultura para outra, depende de antecedentes culturais e sociais, mas é fundamental para a assistência e a prestação de serviços entre seus diferentes membros.

4 – A família e o idoso

A família é a fonte primária das experiências iniciais e é nela que se aprende o respeito por si próprio e pelos outros. Um dos temas mais difíceis da psicologia da velhice é a análise das razões que motivam a conduta de familiares com relação ao membro de mais idade e vice-versa (Zimmerman, 2000). Quanto mais saudáveis forem as relações familiares, mais feliz e ajustado socialmente será o idoso. Costuma-se afirmar que

os indivíduos que vivem em seus lares obtêm de seus familiares condições psicológicas positivas que contribuem para a preservação de seu equilíbrio afetivo. Portanto, há a necessidade de se manterem os vínculos afetivos entre seus membros e o idoso. Na velhice, o idoso necessita sentir-se valorizado, viver com dignidade e tranquilidade e receber a atenção e o carinho da família. O sentimento de pertencer a um grupo social e de compartilhar suas aspirações influi no bem-estar mental do adulto velho (Netto, 1996; Vieira, 2004; Zimmerman, 2000). A pessoa continua a conhecer-se e a valorizar-se porque o mundo íntimo ao seu redor continua a afirmar-lhe a própria identidade.

5 – Método

Objetivos: foram objetivos propostos pelo presente estudo incentivar a integração do idoso, enquanto sujeito de seu próprio desenvolvimento, na família e na comunidade, tornando-o ativo pelo uso de sua sabedoria, criatividade, vivência pessoal e experiência profissional; analisar as relações intrafamiliares de idosos integrantes de um grupo de convivência, utilizando os resultados levantados para subsidiar políticas sociais voltadas para a melhoria da qualidade de vida desse contingente populacional.

Participantes: participaram da pesquisa familiares de idosos integrantes de um Grupo de Convivência, sendo selecionados por conveniência, totalizando 18 sujeitos. Foi condição necessária para participar do estudo estarem morando com um (a) idoso (a) na mesma residência ou manterem contato diário com o (a) mesmo (a).

Instrumento: foi utilizado como instrumento para a coleta dos dados um questionário, elaborado por Porto (2006) para a presente pesquisa, com questões relativas a aspectos como: atribuições do idoso no lar, participação em decisões, relacionamento com netos e filhos, liberdade e autonomia, saúde, administração de bens e outros considerados relevantes com vistas ao atendimento dos objetivos propostos.

Procedimentos: definida a amostra, os familiares foram contatados para esclarecimentos sobre os objetivos do trabalho e convidados a responder o questionário que foi aplicado coletivamente pela pesquisadora e bolsistas. Os dados colhidos foram levantados e tratados, permitindo interpretações significativas que forneceram subsídios para ações mais concretas, embasadas na realidade constatada.

A inserção ecológica (Cecconello & Koller, 2004) foi um dos procedimentos utilizados na etapa de coleta de dados e permitiu que a equipe de pesquisa obtivesse maiores informações do que as solicitadas no roteiro da entrevista, adquiridas durante o período de convivência com os participantes.

6 – Resultados e Discussão

Os dados foram analisados em blocos: de identificação, atribuições do idoso no lar, participação em decisões, relacionamento com netos e filhos, liberdade e autonomia, saúde, administração de bens.

A amostra ficou constituída por quinze participantes do sexo feminino (n=15; 83%) e três (n=3; 17%) do sexo masculino. Os familiares dos idosos, selecionados para participar da pesquisa, falaram sobre o que significa para eles ter uma pessoa idosa no lar.

Poucos sujeitos do sexo masculino se disponibilizam para esse tipo de questionamento. No entanto, a representação majoritária dos familiares do sexo feminino foi extremamente significativa, pois essas pessoas têm um maior envolvimento, conhecendo bem a prática diária de seu (sua) idoso (a) e são também as maiores responsáveis pela interação no ambiente familiar.

Durante a inserção ecológica ficou claro que o maior número de respondentes do sexo feminino se deu devido à maior disponibilidade de horário, interesse pelas questões do idoso, vontade de conhecer melhor o grupo onde seu idoso atua e outros. O procedimento de inserção ecológica permitiu ao pesquisador e colaboradoras entrarem no ambiente de investigação, buscando compreender a realidade de forma contextualizada e ampla (Cecconello & Koller, 2004).

Entre os entrevistados tínhamos três participantes solteiros (\underline{n} =3; 17%); onze casados (\underline{n} =13; 72%); um vivendo junto (\underline{n} =1; 05%) e um viúvo (\underline{n} =1; 05%). Os sujeitos casados, número maior entre os entrevistados, têm uma visão ampliada de relações familiares beneficiando também o resultado da pesquisa e contribuindo com dados mais consistentes da realidade.

As idades dos entrevistados foram agrupadas em blocos, ficando o maior número de sujeitos classificados entre 30 e 45 anos, inclusive. Talvez a maior participação de sujeitos dessa faixa etária tenha ocorrido pela maturidade, comum nessa etapa vital e a conseqüente vontade de contribuir para a melhoria da qualidade de vida do seu (sua) idoso (a).

Por outro lado, os (as) idosos (as) do grupo de convivência têm idades entre 50 e 80 anos, com concentração em torno dos 60, sendo natural que seus filhos estejam na faixa de idade encontrada entre os familiares participantes.

Na tabela a seguir, pode ser visualizada a idade dos participantes:

Tabela nº. 01 - Idade dos participantes

<i>Idade dos Entrevistados</i>	<i>Nº. de participantes</i>
Entre 30 e 35 anos	04
Entre 36 e 40 anos	04
Entre 41 e 45 anos	05
Entre 46 e 50 anos	02
Entre 51 e 60 anos	00
Entre 61 e 65 anos	01
Entre 66 e 70 anos	01
Não respondeu	01
TOTAL	18

Quanto à naturalidade, a maioria dos sujeitos (n=13; 72%) é natural do Rio Grande, local onde foi realizada a pesquisa. Mesmo os nascidos em outros municípios são residentes, atualmente, na cidade, o que facilitou o contato posterior para comunicação dos resultados e discussão de formas mais coerentes de ação com vistas ao envelhecimento bem-sucedido.

A formação acadêmica dos entrevistados é, na maioria, em nível de 2º grau, o que permitiu diálogos mais significativos. Pessoas com maiores conhecimentos parecem ter uma percepção mais clara da problemática vivenciada pelos familiares na terceira idade e estão mais dispostas a refletir sobre a mesma, com vistas à melhoria da qualidade de vida de seus idosos (as). Dois ($\underline{n}=2$; 11%) dos entrevistados têm ginásio incompleto; um ($\underline{n}=1$; 05%) tem secundário incompleto; cinco sujeitos ($\underline{n}=5$; 28%) concluíram o secundário; três ($\underline{n}=3$; 17%) têm superior incompleto e sete ($\underline{n}=7$; 39%) têm curso superior completo.

Os entrevistados referiram-se ao tempo de convivência com um (a) idoso (a) em casa. Quatro sujeitos ($\underline{n}=4$; 22%) sempre viveram com seu (sua) idoso (a) e oito ($\underline{n}=8$; 44%) não convivem com ele, embora tenham contato diário, condição exigida para participarem do estudo. Os

outros ($\underline{n}=6$; 33%) vivem na mesma residência há muitos anos (entre 20 e 10 anos) ou menos tempo (6 e 5 anos). Tais dados vão influir nos resultados encontrados em termos de participação, valorização, inter-relacionamento geracional e outros. O macrotempo permitiu uma análise mais consistente, pois os participantes trouxeram referências de uma longa história vivida com seu idoso, as mudanças ocorridas, o fortalecimento cada vez maior do vínculo e a compreensão mais fundamentada sobre seus comportamentos. Os que vivem há menos tempo com seu familiar idoso (6 e 5 anos) também têm dados significativos, pois seus relatos se referem a um mesotempo, o que permitiu validar seus depoimentos e sentimentos.

A análise bioecológica do tempo, inferida dos relatos dos entrevistados, permitiu obter informações sobre as formas de organização das rotinas e dos eventos revelando o passado, o presente e as perspectivas futuras dos participantes em relação a seus familiares mais idosos (Porto & Koller 2006).

Foi perguntado aos entrevistados “Como é ter um (a) idoso (a) em casa?”. A grande maioria ($\underline{n}=14$; 78%) cita fatos positivos decorrentes dessa convivência. Um ($\underline{n}=1$; 05%) faz referência ao gênio do (a) idoso (a) e outro ($\underline{n}=1$; 05%) ao fato de seu idoso ser uma pessoa bastante dominadora. Dois sujeitos ($\underline{n}=2$; 11%) não responderam essa pergunta.

Todos os participantes fizeram depoimentos sobre o que mudou na relação familiar após a convivência com o (a) idoso (a). As expressões a seguir refletem os sentimentos de alguns sujeitos:

“No meu caso nada mudou, porque como já disse, sempre ficamos juntas. Mas percebo, muitas vezes, por parte dos outros (marido, filhos,...) a falta de paciência e habilidade para lidar com ela” (suj. 10).

“O que muda é que temos uma pessoa com mais vivência, mais experiência, que está sempre disponível para ajudar, conversar” (suj. 11).

“O que mudou é que passei a me sentir mais responsável por ela” (suj. 12).

“Mudou tudo! Aumentou a sua autoestima, fez amizades, possui agora outras atividades e continua sendo amiga, carinhosa e participante no meio familiar...” (suj. 13).

“Foi necessário ter mais paciência em relação a sua ansiedade, pois muitos de seus objetivos de vida não foram alcançados” (suj. 18).

Observando as respostas anteriores, se pode afirmar que houve mudanças de comportamento após a participação do idoso (a) no lar,

como a necessidade de mais paciência, maior responsabilidade e também maiores conhecimentos sobre a terceira idade.

Algumas respostas dos entrevistados sobre a interferência dos (as) idosos (as) nas questões familiares foram selecionadas por retratarem os sentimentos de quase todos os participantes:

“Não interfere, nós sempre nos reunimos, falamos muito sobre qualquer assunto, e é muito bom, porque a presença dela sempre nos abre outros horizontes, pela sua experiência” (suj. 5).

“Não interfere em nada, pois o que prevalece é sempre o respeito, não importando a idade ou o sexo do membro da nossa família” (suj. 9).

“Não se pode ser radical e dizer não. Com jeitinho para não sofrer sua influência, tratamos os assuntos que dizem respeito à família propriamente dita, à parte. Quando levamos o assunto a ela, este já se acha delineado” (suj. 10).

“Não chega a interferir. Como já disse anteriormente só acrescenta” (suj. 11).

“Não interfere porque procuramos não envolvê-la em nossas questões pessoais” (suj. 12).

“A minha mãe é fundamental, nunca decidimos nada sem a presença dela...” (suj. 14).

“Sim, com certeza. As decisões familiares são direcionadas e dirigidas por nós duas” (suj. 15).

“Às vezes sim, pois ele procura ser o dono da palavra, mas no bom sentido...” (suj. 16).

“É o ponto de equilíbrio, pois tem a visão mais ampla diante das diversas situações que a vida apresenta” (suj. 18).

Apenas três ($n=3$; 17%) entre todos os entrevistados afirmam não envolver o (a) idoso (a) nas decisões familiares. Dois ($n=2$; 11%) não responderam e os outros ($n=13$; 72%) consideram importante a sua participação.

As respostas dadas sobre a dinâmica das reuniões familiares foram bastante semelhantes. Quase todos afirmam que se reúnem para conversar. As reuniões familiares acontecem de maneira informal, trocam idéias quando se encontram, às vezes há falta de tempo, outros aproveitam o fim de semana para conversar. Apenas um entrevistado fez referência à impossibilidade de dialogar porque as idéias são divergentes.

É comum, no momento atual, que haja dificuldade para reuniões familiares, motivada pelo excesso de envolvimento acadêmico e profissional dos membros da família. Por outro lado é ponto importante

para a proposta de trabalho com os familiares destacar a relevância das idéias divergentes para o crescimento dos envolvidos no processo e para a busca de soluções criativas. Quatorze ($n=14$; 78%) dos entrevistados afirmaram que sempre os (as) idosos (as) participam das reuniões. Um ($n=1$; 05%) não respondeu. Dois ($n=2$; 11%) dizem que seus idosos (as) quase nunca ou raramente participam e um ($n=1$; 05%) afirma que é a idosa da família que está promovendo as reuniões.

O importante foi a afirmativa de que um número significativo de idosos está presente nas reuniões familiares. As respostas dadas confirmam que a presença nas reuniões acontece de forma efetiva, pois buscam soluções e alternativas para a problemática em pauta.

Os participantes foram questionados sobre as atividades desenvolvidas no lar pelo seu familiar idoso. Selecionamos a seguir algumas das respostas dos entrevistados sobre as atribuições que o (a) idoso (a) tem no lar:

“Faz todos os afazeres e às vezes ainda cuida o bisneto” (suj. 1).

“Tem sua própria vida e colabora na administração do lar (faz sua comida, lava roupa, limpa o ambiente de convívio coletivo)” (suj. 2).

“Damos liberdade para ela, apesar de morar nos fundos, almoça conosco, lava a louça. Deixo ela se sentir em casa” (suj. 3).

“Tem todas as atribuições que tem vontade, no dia e hora que quer (lavar, passar, costurar, bordar, tricotar, pintar, cozinhar)” (suj. 9).

“... hoje a sua atribuição se restringe a cozinhar e arrumar a cozinha. Cuida sozinha da sua roupa e de seus pertences e quarto...” (suj. 10).

“Minha mãe, amiga de todas as horas, ajuda a educar os netos...” (suj. 13).

“O meu pai cuida dos netos sempre que preciso, faz as limpezas do pátio, cuida dos cachorros, conserva a limpeza da casa, pois é muito organizado. Faz o leite dos netos ou até a comida quando não estou em casa” (suj. 16).

Todos os respondentes afirmaram que os idosos têm atribuições no lar. Esse fato é importante, pois através dessa participação se percebem como pessoas úteis, aumentando o sentimento de autoestima, de adequação e pertencimento ao ambiente familiar.

Quanto ao relacionamento do (a) idoso (a) com seus filhos, netos e outros familiares, os entrevistados afirmaram que, em geral, é bom ($n=15$; 83%), mas citam várias restrições: “O (a) idoso (a) tem um temperamento muito difícil, não aceita opiniões, é muito radical”. “Ele

(a) tem preferência por alguns netos e filhos”. “Outro diz que seu (sua) idoso (a), em alguns pontos, não concorda com o que os netos fazem por não aceitar a mudança que houve no mundo”. “É um tanto quanto permissiva com os netos, diz uma entrevistada”. “Às vezes ele é chato e brigão comenta outra participante”.

É importante destacar que “*os integrantes de uma família se movimentam juntos através da vida. Seus atos individuais não são isolados, mas produzem ressonâncias nos demais membros da família*” (Sommerhalder & Nogueira, 2000, p. 103). Os processos proximais são influenciados pelas características da pessoa e podem produzir efeitos de competência ou de disfunção. Esses resultados dependerão da duração do período de contato, da frequência do contato, da estabilidade ou interrupção da exposição, “timing”, da interação e intensidade e força do contato (Narvaz & Koller, 2004).

As respostas dadas pelos parentes dos idosos (as) à pergunta: “Se o (a) idoso (a) possui bens, quem administra?”, permitem afirmar que muitos ($\underline{n}=11$; 61%) dos idosos cuidam dos próprios bens. Apenas três ($\underline{n}=3$; 17%) têm os bens administrados pelos filhos; os familiares de três idosos (as) ($\underline{n}=3$; 17%) afirmaram que seu (sua) idoso (a) não possui bens. Um participante não respondeu.

A seguir destacam-se algumas falas dos entrevistados:

“Ela mesma administra”. Suj.4.

“Ela mesma, porque é dela, e sabe administrar”. Suj. 5.

“Os bens que tem ela que administra, porque sabe bem o que fazer”. Suj.8.

“Ela mesma, porque tem sanidade para tomar toda e qualquer decisão relativa ao seu dinheiro e seu patrimônio”. Suj.9.

“Ela própria administra...” Suj.15.

“... sua contabilidade ele administra”. Suj.16.

Segundo os depoimentos, pode-se afirmar que os poucos familiares que cuidam dos bens do (a) idoso (a) o fazem para protegê-lo (a), porém sempre em comum acordo.

As respostas dos entrevistados sobre a liberdade e autonomia do (a) idoso (a) dentro de casa deixam claro que os (as) idosos (as) têm completa liberdade e autonomia dentro de casa. Sete dos entrevistados ($\underline{n}=7$; 39%) afirmam que o (a) idoso (a) tem seu próprio espaço, cinco ($\underline{n}=5$; 28%) dizem que compartilham o espaço com outros familiares,

dois ($n=2$; 11%) não responderam e os restantes ($n=4$; 22%) dizem que eles têm seu próprio quarto e compartilham com a família os demais ambientes da casa.

Os entrevistados falaram como veem a participação de seu (sua) idoso (a) em grupos de convivência, festas, bailes e outras atividades. As respostas direcionam-se para uma aceitação incondicional e foram expressas como segue: “Acho ótimo e gostaria até que minha mãe participasse mais”; “Aceito e incentivo a participar cada vez mais”; “A participação nestes grupos foi muito boa, pois antes só vivia dentro de casa”. “Assim fez amizades e teve compromissos com ensaios e apresentações teatrais”; ”Ela nunca trabalhou fora e não tinha compromisso para sair de casa com horários”; “Acho maravilhoso ela participar de grupos, festas, bailes e etc. porque isso é que ajuda o idoso a viver mais e a se valorizar ainda mais, eu acho que sempre devem existir esses grupos cada vez se aperfeiçoando mais”; “Particularmente, eu achei ótimo, pois as reuniões e atividades estão fazendo muito bem a ela”; “Parece outra pessoa, livre, feliz, espontânea”; “Procura aproveitar ao máximo as festas das quais gosta muito...”; “Para nós é muito bom que ela participe, é uma maneira de sentir-se útil, ocupada, ser feliz. Isso faz muito bem a ela”; “Sempre fui a maior incentivadora”; “Para ele é muito importante porque aprendeu muitas coisas novas para sua cultura, novas amizades todos os dias...”.

A família considera que a participação ativa nos grupos de convivência resgata a autoestima, melhora a saúde e permite uma melhor qualidade de vida.

O grupo aparece como fator de proteção e de apoio, ajudando no enfrentamento de problemáticas pessoais e sociais. Programas de ensino, saúde e lazer oferecidos para a população idosa nas universidades e grupos de convivência possibilitam combinar o desenvolvimento da sociabilidade e da educação permanente, levando “*o idoso a um processo de redirecionamento de sua vida*” (Cachioni, 1999, p.161).

Quanto à aceitação de novos relacionamentos amorosos dos (das) idosos (a), alguns foram totalmente a favor e outros bastante cautelosos. Algumas das respostas selecionadas confirmam o posicionamento dos familiares:

“Eu acho que devemos aceitar outros relacionamentos desde que seja uma boa para ele, eu acho que devemos dar força” (suj. 8).

“Sim, uma pessoa com o perfil dela, não foi feita para ficar só” (suj. 9).
“No caso ela é viúva. Aceitamos, sim, novos relacionamentos” (suj. 10).
“Minha mãe é viúva, não impedimos novos relacionamentos, mas temos medo que algum relacionamento venha a torná-la infeliz” (suj. 11).

Os familiares temem um pouco as relações amorosas de seus (suas) idosos (a) pois, às vezes, quem se aproxima quer tirar proveito, mas aceitam se for para ver sua felicidade.

Os aspectos de namoro podem ser altamente significativos na terceira idade. Alguns idosos relatam como sentem falta da proximidade física, de serem tocados, abraçados e acarinhados. Os filhos e demais familiares precisam compreender a importância dos relacionamentos com o sexo oposto, nessa etapa da vida, como uma forma de expressão da personalidade e para a autoafirmação positiva (Butler & Lewis, 1985).

Quanto aos problemas de saúde ($n=16$; 89%), afirmam que seu (sua) idoso (a) apresenta alguns, tais como: hipertensão, colesterol alto, problemas da coluna, cardiopatias e outros. Somente um ($n=1$; 05%) não respondeu e um ($n=1$; 05%) disse que só às vezes seu (sua) idoso (a) apresenta alguma doença. Quanto ao cuidado com os horários e uso de medicamentos, sete sujeitos ($n=7$; 39%) disseram que os próprios (as) idosos (as) administram seus medicamentos. Oito ($n=8$; 44%) afirmaram que os familiares e/ou acompanhantes é que cuidam dos horários e do uso de medicamentos. Três ($n=3$; 17%) não responderam.

Brito & Ramos (1996) dizem que o objetivo básico que deve fundamentar as ações dos familiares em relação aos idosos é mantê-los com o máximo de capacidade funcional, independência física e mental no seio de suas famílias. Para tanto há que oferecer condições psicológicas, biológicas e sociais aos idosos, tendo como base a atenção à saúde e a prevenção de doenças.

Ao final da entrevista foi perguntado sobre a importância que atribuíam ao fato de ter um (a) idoso (a) em sua vida. Apresentamos, de forma sintética, a fala de cada um dos participantes no quadro que segue:

Quadro nº. 01: Importância atribuída pelos familiares ao fato de ter um idoso em casa

Suj. 1: “É muito importante, gostaria de ajudá-la mais, se ela permitisse”.
Suj. 2: “Sua presença é fundamental para orientar e colaborar nas nossas vidas”.
Suj. 3: “Fundamental, é o alicerce de nossas vidas, é maravilhoso estarmos juntos, participar desta mudança em sua vida, sinceramente estou vendo que podemos ter uma velhice diferente, alegre, sadia e bonita”.
Suj. 4: “É muito importante, pois é a raiz da família”.
Suj. 5: “Mamãe é muito importante em nossas vidas, de todos os filhos. Estamos sempre em sua volta para saber se está bem ou não”.
Suj. 6: Não respondeu.
Suj. 7: “A importância é que é um familiar que precisa de ajuda devido à idade”.
Suj. 8: “A importância dela em minha vida é muito boa, fazemos planos todos os fins de semana para sairmos, quando existe um problema conversamos procurando resolver, e o apoio que precisamos, tanto eu quanto ela”.
Suj. 9: “É meu porto seguro, até a chegada de meus filhos era a pessoa mais importante de minha vida. Tenho que aproveitar enquanto posso, pois ninguém é eterno e lágrimas posteriores não criam recordações”.
Suj. 10: “Para mim é fundamental. Não quero ainda pensar em mim sem minha mãe. É minha amiga e companheira...”.
Suj. 11: “Ela junto com meu pai eram a base, agora essa função é só dela. Precisamos muito dela”.
Suj. 12: “É a minha mãe”.
Suj. 13: “É tudo, eu não me vejo longe dela nunca, eu a amo demais”.
Suj. 14: “É toda a importância na minha vida e do meu irmão, pois é a nossa melhor amiga e a amamos de paixão”.
Suj. 15: “Ela é fundamental na minha vida, meu porto seguro, meu ombro amigo, meu QG, sem ela realmente... Não gosto nem de pensar”.
Suj. 16: “Ele é o alicerce é a pessoa mais importante. Eu agradeço em 1º lugar a Deus, pois ele é minha “mãe e pai” ele é o espelho nosso...”.
Suj. 17: “Hoje o meu pai é uma pessoa muito especial, apesar de já termos entrado em contradição, em tempo passado... Eu fico feliz, porque ele diz que só eu posso dizer algo para ele, porque eu ouço, converso, aprendo as músicas. Eu amo o meu pai e respeito muito a sua maneira de ser...”.
Suj. 18: “Total. Embora me esforce para deixar de ser muito apegado e evitar maior sofrimento quando de sua falta definitiva”.

Todos manifestam um grande carinho pelo seu (sua) idoso (a), através das mais variadas expressões que podem ser lidas no quadro anterior. Vieira (2004) afirma que o convívio intergeracional pode se dar numa relação bastante solidária. “Essa possibilidade surge com o estabelecimento de vínculos afetivos positivos suscitados por uma convivência em que fatores como respeito e confiança a impermeabilizam” (p. 74).

Quanto ao comportamento da família em relação ao (a) idoso (a),

afirmam que é tratado (a) com respeito e consideração e há constante comunicação. Apenas um ($n=1$; 05%) afirmou que seu (sua) idoso (a) é superprotegido (a) e um ($n=1$; 05%) não respondeu.

Para concluir a entrevista foi solicitado que expressassem como se sentiam tendo contato diário com um familiar idoso. A seguir a classificação em percentuais dos sentimentos expressos pela família em relação ao fato de ter um (a) idoso (a) morando junto:

Acham ótimo um (a) idoso (a) em casa: ($n= 12$; 67%);

Pensam que é regular ter um (a) idoso (a) em casa: ($n= 4$; 22%);

Acham muito ruim ter um (a) idoso (a) em casa: ($n=1$; 05%);

Não responderam: ($n=1$; 05 %).

7 – Dados significativos colhidos nas entrevistas

As respostas dos entrevistados permitiram conhecer o modo como os familiares veem seu (sua) idoso (a) e forneceram subsídios significativos para o desenvolvimento de trabalhos com vistas à melhoria do relacionamento intrafamiliar. Destacam-se a seguir alguns dados que fundamentaram as propostas de ação:

→ Necessidade de ter mais paciência, maior responsabilidade e também maiores conhecimentos sobre a terceira idade;

→ Três entrevistados afirmaram não envolver o (a) idoso (a) nas decisões familiares. Dois não responderam e os outros consideram importante essa participação;

→ Todos os (as) idosos (as) têm atribuições no lar;

→ As reuniões familiares acontecem de maneira informal, trocam ideias quando se encontram. Apenas um entrevistado fez referência à impossibilidade de dialogar porque as idéias são divergentes;

→ O relacionamento com filhos e netos é bom. Só não concordam com algumas atitudes das crianças e jovens por não aceitarem a mudança que houve no mundo;

→ Alguns familiares cuidam dos bens do (a) idoso (a) para protegê-lo (a), porém sempre em comum acordo;

→ Os (as) idosos (as) têm completa liberdade e autonomia dentro de casa;

→ A maioria dos (as) idosos (as) tem seu próprio quarto e compartilham com a família os demais ambientes da casa;

→ A família considera que a participação ativa nos grupos de

convivência resgata a autoestima, melhora a saúde e contribui para uma melhor qualidade de vida;

→ Os familiares temem as relações amorosas de seus (suas) idosos (as), pois às vezes quem se aproxima quer tirar proveito, mas aceitam se for para sua felicidade.

8 – Considerações finais

A conclusão do projeto de pesquisa, feita após o tratamento e interpretação dos dados, permitiu conhecer como o (a) idoso (a) é visto (a) pelos familiares. Esse conhecimento ajudou na elaboração de propostas de ações com vistas ao alcance de níveis mais altos de crescimento pessoal e integração familiar. A otimização das relações contribui para a solução de problemáticas e para a construção de propostas educativas com vistas à aplicação no próprio núcleo familiar.

Todos gostam muito do seu (sua) idoso (a) e procuram tratá-lo (a) com carinho e respeito. Constatou-se que há uma preocupação com a saúde e o bem-estar do (a) idoso (a), mas têm dificuldades em proporcionar o tratamento adequado por falta de maiores conhecimentos sobre essa etapa da vida.

O estudo permitiu entender comportamentos mais ou menos ajustados das pessoas na terceira idade decorrentes da forma como são vistas pelas pessoas mais significativas de suas vidas.

Tendo por base os dados levantados e o referencial teórico da presente pesquisa, pretendeu-se fornecer algumas sugestões de ação com vistas à melhoria das condições de vida do (a) idoso (a), seu relacionamento familiar e sobre o conhecimento das características próprias dessa etapa:

- Olhar com seriedade a questão do envelhecimento, valorizando tal etapa e dando atenção especial às problemáticas que forem evidenciadas;
- Entender o (a) idoso (a) como pessoa capaz, útil e necessária na família e comunidade;
- Instrumentalizar os (as) idosos (as) com conhecimentos sobre seus direitos para que sejam cuidadores de si mesmos e reivindicadores de ações que evitem a discriminação e o preconceito;
- Preparar os cuidadores de idosos (as), oferecendo cursos na universidade e/ou nos grupos de convivência;

- Oferecer informações à população em geral e às famílias em particular sobre características psicossociais das pessoas idosas para melhor compreensão e atendimento da fase por que passam. Os grupos de idosos (as) se constituem em espaços por excelência para oferecer tais informações aos participantes. Da mesma forma podem ser desenvolvidas atividades de extensão, propostas pela universidade, direcionadas aos familiares dos (as) idosos (as);
- Desenvolver nas escolas programas de esclarecimento sobre terceira idade, preparando as crianças para o respeito e valorização dos mais velhos com vistas ao desenvolvimento de ações dignas e melhoria de perspectivas futuras para essa população que se avoluma.

Porto (2003) propõe algumas questões finais para reflexão de todas as pessoas, consideradas elementos indispensáveis e contribuintes para a consecução de um envelhecimento bem-sucedido: Respeito as peculiaridades de cada um e as percebo como forças a serem exploradas em direção ao crescimento? Sou capaz de entender atitudes, crenças e valores dos outros, e atuo no sentido de fornecer informações científicas, que possam contribuir para a ruptura de comportamentos desadaptados, decorrentes de visões distorcidas do real? Tenho consciência de meu papel como um dos grandes responsáveis pela manutenção da autoimagem, autoestima e identidade do meu (minha) idoso (a), e conseqüente fortalecimento de sua saúde mental?

9 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, S. (1990). *A velhice*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BUTLER, R. N. & Lewis, M. I. (1985). *Sexo e amor na terceira idade*. São Paulo: Summus.

BRITO, F. C., & Ramos, L.R.(1996). Serviços de atenção à saúde do idoso. In: M. P. NETTO (Ed.), *Gerontologia. A velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu. p. 394–402.

BRONFENBRENNER, U. (1996) *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979).

_____. (2004). *Making human beings human: bioecological perspectives on human development*. California: Sage.

_____. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In R. M. Lerner & W. Damon (Ed.), *Handbook of child psychology* (V. 1. pp. 993 – 1027). New York: John Wiley & Sons.

- CACHIONI, m. (1999). Universidades de terceira idade: das origens à experiência brasileira. In: Néri, A L. & Debert, G. G. (orgs.) *Velhice e sociedade*. Campinas, SP: Papyrus.
- CECCONELLO, A., & Koller, S. H. (2004). Inserção ecológica na comunidade: uma propostametodológica para o estudo de famílias em situação de risco. In S. H. Koller (Ed.), *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 267-291). SãoPaulo: Casa do Psicólogo.
- KOLLER, S. H. (Ed.). (2004). *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervençãono Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- NARVAZ, M. G. & Koller, S. H. (2004). O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In: S. H. Koller (Ed.), *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 51-65). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- NERI, A. L. (2001). *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e sócio-culturais*. Campinas SP: Papyrus.
- NETTO, M. P. (Ed.), (1996). *Gerontologia. A velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu.
- PORTO, I (2003). Aspectos psicopedagógicos da educação de adultos. In Lampert, E. (org.). *O ensino sob o olhar dos educadores*. (pp. 41-65). Pelotas: Seiva Publicações.
- PORTO, I., Koller, S. H. (2006). Violência na família contra pessoas idosas. *Interações* (Universidade São Marcos), v. XI, p. 105 - 142.
- SOMMERHALDER, C. & Nogueira, E. J. (2000) As relações entre gerações. In Néri, A L. & FREIRE, S. A. *E por falar em boa velhice*. Campinas, SP: Papyrus.
- VIEIRA, E. B. (2004). *Manual de gerontologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Revinter.
- ZIMERMAN, G. I. (2000) *Velhice*. Aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

